

RELIGIÃO E LITERATURA NO PENSAMENTO TEÓRICO DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

RELIGION AND LITERATURE IN THE THEORETICAL THINKING OF JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Hirlan Hermes Monteiro da Costa*

RESUMO

O presente artigo busca apresentar elementos de uma teoria linguística criada pelo autor paraense João de Jesus Paes Loureiro e propor, a partir disso, possibilidades de articulações para os estudos em religião e literatura. No Brasil, as primeiras pesquisas nesse campo operacionalizaram e propuseram metodologias de teor hermenêutico, o que se tornou uma espécie de “paradigma” dessas pesquisas, mas que apresentou certas caducidades. Diante disso, uma das hipóteses levantadas neste trabalho é que as contribuições do referido autor podem contribuir para se pensar em novos modelos teórico-metodológicos para esse campo. Para isso, recorremos fundamentalmente à tese de doutorado de Paes Loureiro, intitulada “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”, produzida em 1994, e sobretudo à obra teórica “A Conversão Semiótica na arte e na Cultura”, de 2007, no intuito de apresentar alguns dos principais eixos de suas teorizações. Essas obras representam as principais fontes das reflexões teóricas dele e explicitam elementos fundamentais acerca da dinâmica linguística e da atividade simbólica dos indivíduos por meio de uma produção que parte do contexto amazônico. Por fim, almeja-se evidenciar a tempestividade das teorias engendradas pelo autor paraense, sobretudo pelo conceito de “conversão semiótica”, para as investigações que se depreendem sobre as relações entre religião e literatura.

Palavras-chave: Religião; Literatura; Linguagem; Paes Loureiro.

ABSTRACT

This article aims to present elements of a linguistic theory created by the author João de Jesus Paes Loureiro and, based on this, propose possibilities for articulations for the studies of religion and literature. In Brazil, the first researches in this area operationalized and proposed hermeneutical methodologies, which became a “paradigm” for these studies, but which has shown certain obsolescence. Therefore, one of the hypotheses raised in this work is that the contributions of the amazonian author can contribute to thinking about new theoretical and methodological models for this field. To this end, we fundamentally resort to Paes Loureiro's doctoral thesis, entitled “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”, produced in 1994, and especially to the theoretical work “A

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Mestre e Licenciado Pleno em Ciências da Religião, Belém, Pará, Brasil. E-mail: hirlan@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0678-5007>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3227250725721551>.

Conversão Semiótica na arte e na Cultura”, from 2007, in order to present some of the main axes of his theorizations. These works represent the main sources of his theoretical reflections and explain fundamental elements about the linguistic dynamics and symbolic activity of individuals through a production that originates from the Amazonian context. Finally, the aim is to present the fruitfulness of the theories developed by the author from Pará, especially the concept of “semiotic conversion”, for the scientific investigations in the area of religion and literature.

Keywords: Religion; Literature; Language; Paes Loureiro.

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, este trabalho tem como objetivo propor uma sucinta introdução ao pensamento teórico de João de Jesus Paes Loureiro, assim como uma maneira de visualizar a situação dialógica linguística da relação entre religião e literatura através dessas reflexões. Por um lado, é importante dizer que o autor paraense se destaca não apenas pela extensa produção intelectual, mas parece sobretudo apresentar formas de demonstrar como o conhecimento produzido na Amazônia não constitui o que historicamente se tentou relegar a ela, isto é, uma “marginalidade tolerada e compassiva” (LOUREIRO, 2019, p. 18), principalmente quando analisada por olhares exteriores. Por outro lado, tal contexto cultural, que “tem padecido de uma espécie de incompreensão e confinamento” (LOUREIRO, 2019, p. 17), é evidenciado por Paes Loureiro como um campo profícuo para a produção de conhecimento, principalmente a partir dos diversificados saberes expressos pelos nativos. De fato, as obras teóricas desse autor versam sobre os múltiplos elementos da cultura, arte, imaginário, mito e religião desse contexto, de modo que oferece compreensões autênticas e profícias acerca das atividades simbólicas dos nativos desse ambiente.

É importante dizer que na dissertação intitulada “A Aurora da Cultura Amazônica: aportes para uma teoria poética da religião em Paes Loureiro” (COSTA, 2024), cujo objeto se trata de uma reconstrução teórica das obras desse autor e a exposição da existência de uma teoria da religião em seu pensamento, sugeriu-se, tempestivamente, que essas teorizações poderiam ser articuladas às pesquisas que lidam com religião e literatura. A partir desse estudo, foi possível notar que as teorias de Paes Loureiro explicitam dados que são fundamentais para o referido campo de estudos pois partem de uma abordagem sistêmica daquilo que compõem semioticamente ambas as linguagens em diálogo.

Em busca de aprofundar o argumento apresentado, o presente texto se divide em duas partes. Na primeira, apresentar-se-á uma breve contextualização do que parece constituir um paradigma metodológico das pesquisas que se inserem no campo supracitado, de modo que seja

possível visualizar como as teorias de Paes Loureiro podem não apenas ser articuladas a esses estudos, mas também iluminar possíveis querelas que permeiam o campo. Em seguida, abordar-se-á, mediante a ótica do autor em questão, como a religião e a arte funcionam como funções da linguagem que se estruturam, ao lado de outras, no processo de significação dos objetos, no âmbito multilingüístico da cultura, por meio de um processo que Paes Loureiro denominou de “conversão semiótica”. A partir desse trabalho almejo iluminar as seguintes questões: qual a compreensão de Paes Loureiro acerca das relações entre religião e arte? e como suas teorizações podem contribuir para uma compreensão da heteróclita presença da religião na literatura?

2 UM PANORAMA SOBRE AS PESQUISAS EM RELIGIÃO E LITERATURA

É evidente que a presença da religião na arte tem tido, ao longo da história, diversas expressões. Os exemplos são definitivamente incalculáveis: existiram e existem esculturas, pinturas, músicas, literaturas, murais/grafites e outras infindáveis expressões daquilo que se entende como pertencente ao âmbito artístico e que exprimem, em diferentes medidas, o que se atribui como do âmbito da religião. Sabe-se também que a presença do dado religioso nas produções literárias parece ter sido muito diversificada ao longo da história. É possível perceber essa relação não apenas nas chamadas “religiões do livro” (ELIADE, 1985, p. 151), mas em poesias, romances, contos e nos demais tipos ou, convencionalmente chamados, gêneros literários – embora se saiba, conforme Gérard Genette (1997, p. 3), que os gêneros são mais difíceis de se identificar do que aquilo que é reconhecido como literatura de maneira geral.

Ocorre que, no Brasil, as primeiras pesquisas que buscaram investigar a presença da religião na literatura expressaram esforços pela identificação de discursividades e conteúdos teológicos em fontes (literárias) não estritamente religiosas. Assim, grande parte dessas investigações priorizaram, por exemplo, análises acerca da evocação de temas que consensualmente se atribuíam como pertencentes ao domínio de tradições religiosas e a identificação de elementos religiosos apenas pelas suas referencialidades “extratextuais”, conforme a conceituação de Iuri Lotman (LOTMAN, 1996, p. 28). Nesse âmbito de investigação, a literatura – e a arte de maneira geral – foi visada a partir de um suposto valor ou conteúdo teológico, o qual se emancipava dos textos canônicos.

Em 2010, Douglas Rodrigues da Conceição (2010, p. 1) demonstrava que, no Brasil, ainda que de forma bastante variada, as primeiras pesquisas no campo de religião e literatura (outrora também chamado de teologia e literatura) articularam e propuseram metodologias, do

que se pode considerar, de teor hermenêutico e com determinadas caducidades. Por outro lado, evidenciou-se, com mais intensidade nas últimas décadas, esforços de articulação cujos interesses e pontos de partida são diferentes dos supracitados.

Em 2016, Paulo Augusto de Souza Nogueira (2016, p. 243) propôs uma abordagem semiótica e cognitiva, inspirado nas teorizações de Iuri Lotman, para as investigações das relações entre religião e linguagem, diferenciando-as fundamentalmente não apenas dos interesses de métodos exegéticos, por exemplo, mas também das pesquisas em teologia acerca de mídia/comunicação religiosa ou cristã. Indubitavelmente, tal proposta representou uma linha divisória nesse campo, assim como contribuiu ainda mais para uma singularização da área conhecida como “Linguagens da Religião”. Assim como as teorias de Lotman foram apresentadas como propostas de investigação da religião por Paulo Nogueira, as teorias de Paes Loureiro, forjadas no interior da cultura amazônica e de igual relevância, autenticidade e complexidade que as do autor russo, careciam, até a ocasião da dissertação “A Aurora da Cultura Amazônica” (COSTA, 2024), de semelhante notoriedade.

Diante de um panorama atual sobre as pesquisas no campo de Religião e Literatura, Conceição expõe que “o espectro de um modelo hermenêutico parece ter se tornado um perfil metodológico, senão aparentemente consensual, pelo menos reiteradamente retomado” (CONCEIÇÃO, 2021, p. 162) nesses estudos. Conforme ele argumenta, a predominância do modelo hermenêutico tornou evidente uma espécie de redução da presença da religião na literatura como um elemento de conteúdo, assim como “tem insistente servido de carta branca para uma abordagem cujo ponto final seja a oferta de uma interpretação do possível conteúdo religioso que uma obra literária, em tese, comporta” (CONCEIÇÃO, 2021, p. 164). E, de fato, parece-me que essa abordagem teórico-metodológica pode ocasionalmente apreender a arte como um objeto ideal com estrutura estável e determinada, fato que se torna insustentável à medida que, assim como Lévi-Strauss entendeu acerca dos mitos, se trata de uma realidade sempre “à mercê dos golpes de um passado que a arruína e de um futuro que a modifica” (LÉVI-STRAUSS, 2021, p. 22).

Porém, o contato hermenêutico torna-se, se não inevitável, pelo menos bastante tentador na abordagem e recepção de obras artísticas, visto que se trata de um contato com um “objeto estético” (MUKAROVSKY, 1988) e, assim como entendeu Paul Ricoeur acerca do discurso, este é “sempre compreendido como significação” (RICŒUR, 2000). Por um lado, isso é exemplificado no próprio fato de a maior parte das pesquisas que se depreendem sobre a presença da religião na literatura de Paes Loureiro apresentarem esforços interpretativos que

identificam, em diversas medidas, o “significado” desses dados, como conteúdos, em relação à realidade amazônica e o contexto de criação, de forma que evidenciam, prioritariamente, a potencialidade dos processos semânticos desses textos. Por outro lado, é possível pensar na realização de, no mínimo, um deslocamento do processo interpretativo do conteúdo para a estrutura formal, para as operações de convocação desses elementos e, portanto, para a poética do autor, cujas teorias de Paes Loureiro parecem se depreender.

Talvez, as aplicabilidades das teorias do autor paraense para a análise de textos literários podem ser visualizadas em uma espécie de moderação acerca do que Paul Ricoeur entendeu sobre as áreas da semiótica e da semântica. Isto é, uma compreensão dos elementos religiosos em um suporte literário poderá ocorrer tanto no nível do signo quanto no nível da frase – ainda que esta última seja considerada “um todo irredutível à soma de suas partes” (RICŒUR, 2000, p. 19) – mediante a análise das “conversões semióticas” que os indícios de materialidade existentes nas obras oferecem. Essa dicotomia ainda será, mais adiante, melhor desenvolvida e exemplificada no pensamento de Paes Loureiro. Por ora, é suficiente visualizar que esse autor oferece uma compreensão sobre o que pode ser entendido como o “status” da obra literária – sua posição na cultura – e sobre os elementos (nesse caso, religiosos) no interior dela.

Apesar de o método hermenêutico ter contribuído para um intenso período de análises artísticas com teor semântico, talvez os esforços das análises contemporâneas da presença da religião na literatura possam apontar para outra direção. Neste ponto, estou convencido com a afirmação de Conceição:

o uso artístico da religião poderia ser pensado como uma espécie de matéria prima intencionalmente implicada ao processo criativo de texto literário. Ou seja: a ocorrência da religião num poema, num romance ou num texto dramático seria uma evidência de que ela participa, em algum nível, do respectivo modo de existência de tais expressões literárias. (CONCEIÇÃO, 2023, p. 2)

Em outra ocasião, a partir das profícias reflexões de Susan Sontag, Conceição apresenta algumas das limitações que o modelo hermenêutico parece expressar – a saber, a domesticação da obra de arte pela inclinação ao estabelecimento de uma teologia da literatura, por exemplo, – de modo que sugere que um possível caminho para sua superação possa ser, em síntese, “pensar a religião como um elemento ocasional da linguagem literária (e não propriamente um conteúdo) que, dentro do respectivo regime verbal, concorre para o cumprimento da função dominante da linguagem à qual está implicada” (CONCEIÇÃO, 2021, p. 165).

Logo, é diante desse panorama que novos modelos teórico-metodológicos se apresentam para os estudos de religião e literatura. No caso da relação entre essas linguagens, as teorias de Paes Loureiro, esta é minha hipótese, são capazes de auxiliar na investigação das similaridades e das fronteiras de suas experiências linguísticas pelo modo como ambas se manifestam textualmente, além de iluminar uma relação não apenas de materialização do elemento religioso no suporte literário, mas das estruturas daquilo que faz com que o diálogo ou o encontro entre os sistemas do mito, da arte e da religião provoque uma multiplicidade semântica para os receptores.

3 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO TEÓRICO DE PAES LOUREIRO

Mediante uma reflexão que parte de um certo “distanciamento” (LOUREIRO, 2000, p. 42) e pertencimento à cultura amazônica, João de Jesus Paes Loureiro notou que os nativos desse contexto expressam sociabilidades e manifestações culturais complexas, de modo desenvolvem, naturalmente, sistemas (semióticos) eficazes para as relações estabelecidas com o meio que vivem. Em outras palavras, desenvolvem formas singulares de decodificação e emissão dos textos e, portanto, de significação da realidade vivida no âmbito comunicativo da cultura, sobretudo mediante a ação de um dado antropológico essencial: o imaginário.

Acerca desse conceito, ele parte sobretudo de Gilbert Durand e sua obra “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”, o qual percebe que essa dimensão não se dissocia do plano da consciência ou de processos racionais, assim como entendeu Gaston Bachelard, funcionando como um elemento fundamental da cultura, e reitera as críticas feitas à associação do imaginário e da imaginação como elementos infantis da humanidade. Para Durand (2002, p. 34), esse dado representaria sobretudo o fundamento da vida psíquica e a organização da dinâmica humana de significação. Portanto, fala-se de uma espécie de estrutura do inconsciente que constitui a vida consciente dos indivíduos: a organização do modo de ser, sentir, entender e imaginar a realidade.

Paes Loureiro percebe que o imaginário passa por um processo dinâmico e diacrônico de construção durante o trajeto antropológico dos indivíduos, de forma que atua na instauração da realidade vivida por meio da decodificação dos objetos e subsequente produção de sentido sob estes. Por isso que na leitura de um poema, por diferentes pessoas,

a sequência de palavras é a mesma. As qualidades verbais, a melopeia e a fanopeia também. No entanto, outras serão as variantes do prazer no imaginário de cada um, ao compreender os diferentes significados do mesmo poema; por que a sequência de palavras no verso não é um mero ou arbitrário processo. (LOUREIRO, 2000, p. 53)

Diante disso, nota que o imaginário não se distingue da cultura, pelo menos em um nível prático. Isto é, afirma que “a cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias” (LOUREIRO, 2000, p. 78), que são os aspectos que estruturam o imaginário e os processos significativos dos seres humanos durante seus trajetos antropológicos. Existiria, então, uma relação dialética entre realidade objetiva e subjetividade, de modo que ação decodificadora, do imaginário dos sujeitos, propicia uma relação transfigurante do mundo que participam.

Por esse motivo, Paes Loureiro destaca que o ser humano vive em um processo de criação – portanto, poético – e de reordenamento constante de símbolos, fato que, inclusive, dá sentido às existências. Para ele, essa “realidade é, também, mudada, apreendida, compreendida e integrada em um sistema comunicacional” (LOUREIRO, 2007, p. 13), isto é, criam-se condicionantes desse processo de significação mediante os signos/objetos que se tornam sensíveis aos receptores que vivenciam essas culturas. Tal fato pode ser evidenciado, por exemplo, no modo como os elementos naturais da Amazônia possuem uma qualidade diferente para os nativos.

Diante desse panorama, ele parte também da perspectiva do filósofo alemão Ernst Cassirer (1977) para entender essa espécie de pensamento simbólico ou consciência mítica do ser humano, o qual percebe que além de um sistema receptor e de reação, que todos os animais possuem em comum como mecanismos de adaptação ao meio, a espécie humana se singulariza por ter concomitantemente um sistema simbólico. Então, responde aos estímulos não apenas de forma direta, mas também de forma diferida e pensada, de modo que cria uma nova dimensão da realidade por meio de um processo simbólico ininterrupto: vive simultaneamente em um universo físico e simbólico (CASSIRER, 1977, p. 47).

Por isso que o poeta e teórico paraense afirma que, a partir dessa “condição simbolizadora, o homem percebe e abre o real com seu clavenário simbólico” (LOUREIRO, 2007, p. 35). Um possível significado para o termo “clavenário simbólico”, como uma metáfora para o imaginário, é oferecido na entrevista denominada “Encantaria da Linguagem”, de 2002. Nessa ocasião, afirmou que está relacionado ao “lugar onde estão as chaves da compreensão do ser”, assim como é “provavelmente, (...) a dimensão poética do ser, na medida em que o imaginário é o que atribui ao ser a sua dimensão, a do devaneio, da poesia, do sonho, da

sobrenaturalidade” (LOUREIRO, 2002, p. 148). Certamente, é pelo imaginário, conforme a ótica desse autor, que se configuram as experiências culturais, como a arte e a religião.

Ora, se o imaginário aparece como uma espécie de sistema cognitivo e social que faz a mediação do processo de emissão e recepção dos dados linguísticos ao qual o ser humano está inherentemente inserido, então os textos/objetos e as esferas culturais garantem sua existência mediante essa ação decodificadora realizada por essa estrutura sistêmica. É necessário, ainda, ressaltar uma premissa do pensamento de Paes Loureiro: o imaginário não apenas compõe-se estruturalmente de “funções da linguagem”, mas também objetifica-as aos textos/objetos nos processos de emissão e recepção destes. Entretanto, uma ressalva é necessária: há uma diferenciação entre as funções dos objetos, isto é, das “*paroles*” ou dos “textos”, conforme as respectivas definições de Saussure (2021) e Lotman (1996), em relação às funções sedimentadas no imaginário dos indivíduos. Essa últimas são propriamente funções decorrentes da cultura, as quais se diversificam mediante a inerente relação moldada e compartilhada com os diversos ambientes, trajetos antropológicos e, portanto, com a realidade.

Por um lado, na ocasião de sua tese, produzida em 1994, ele buscou evidenciar uma esteticidade, nutrida pelo devaneio, que fecunda o imaginário amazônico, assim como uma análise de uma “função poética dominante” dessa cultura, isto é, fatores que promovem a potencialidade criativa dos nativos e que implica no estabelecimento das diversas formas identitárias, por assim dizer, de relações com o meio vivido. Para isso, ele realizou uma espécie de “sociogênese da cultura cabocla” (COSTA, 2024, p. 56), isto é, um complexo cruzamento de dados históricos, antropológicos, sociais, éticos e, inclusive, estéticos acerca das vivências e dos modos de vida dos nativos da Amazônia.

Por outro lado, na obra “A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura”, de 2007, Paes Loureiro se dedica à explanação do conceito de conversão semiótica – o qual constitui o principal eixo de articulação que este trabalho almeja indicar – que, por sua vez, investiga como, no plano prático e comunicativo, as diversas formas de relações com a realidade provocam, também, um ajustamento mental dos objetos no momento de suas recepções pelos sujeitos, por meio de uma rehierarquização das funções linguísticas contidas neles, quando a “dominante” muda (LOUREIRO, 2007, p. 11). Certamente, a conversão semiótica parece constituir “um instrumento metodológico, de amplo espectro, que estabelece caminhos fecundos à interpretação dos fenômenos culturais” (LOUREIRO, 2000, p. 54), sendo este, talvez, o pilar essencial de uma teoria da arte e da religião em Paes Loureiro.

De fato, esse autor propõe o conceito supramencionado como uma ferramenta para explicar não só sua própria produção artística que, por exemplo, transfigura elementos da religião e dos mitos da Amazônia, mas também para explicar os processos criativos dos sujeitos amazônicos e, mais enfaticamente, os processos comunicativos que estruturam a cultura. Ainda que se note que essa teorização é desenvolvida sobretudo em torno dos mitos amazônicos, sua aplicabilidade se estender para outros textos/objetos e outras “semiosferas” (LOTMAN, 1996, p. 11). Afinal, o próprio autor diz:

Esta noção conceitual de conversão semiótica, presente em numerosos fatos da cultura amazônica, nasceu como fruto intuído nas instâncias de contemplação reflexiva com essa cultura e consequente estudo dela. Cremos que, no entanto, é uma forma de compreender a conversão de signos, além da cultura amazônica, em qualquer das áreas culturais, nacional, regional ou individual... (LOUREIRO, 2007, p. 37)

3.1 A conversão semiótica: epicentro de uma teoria linguística

Em primeiro lugar, é necessário dizer que a referida imagem conceitual, a conversão semiótica, profícua para a análise de expressões culturais (no qual se inclui a literatura e a religião), recai na necessária conjugação dos conceitos de “função” com o de “dominante”. O teórico da Escola de Praga, Jan Mukarovsky, ressalta a dinâmica dessas funções pela propriedade multifuncional da obra de arte, de modo que, para ele, esta poderia expressar a função prática, teórica (ou cognitiva), mágico-religiosa e estética (MUKAROVSKY, 1988, p. 19). Partindo da ótica desse autor, Paes Loureiro destaca que todos os objetos culturais, não apenas as obras de arte, podem igualmente expressar tais funções e que estas se manifestam de modo hierarquizado – uma se tornará a “dominante” –, de forma que a transitoriedade destas não poderia implicar em outra coisa além de uma evidência do fenômeno da conversão semiótica.

O linguista russo Roman Jakobson (2014, p. 3), também pertencente à Escola de Praga, conceitua a “dominante” como o elemento destacado em um conjunto sistêmico que provoca a reorganização dos demais elementos subordinados e, em certa medida, torna-se regedor do processo receptivo. Diante disso, Paes Loureiro exemplifica essa conjunção conceitual ao afirmar que “no caso da Poesia é a função estética que se confere o papel de dominante, isto é, o de governo do sistema, ao mesmo tempo em que, ordena a hierarquia das outras funções da linguagem, no corpo constitutivo da obra poética” (LOUREIRO, 2000, p. 54).

Por esse motivo, ele entende que o significado se constitui mediante, de fato, a função atribuída como dominante pelos sujeitos no momento receptivo dos objetos e em cada circunstância (ou campo) cultural, de forma que nenhum texto na cultura é desvaído de sentido, estes são apenas ressignificados (ou convertidos semioticamente) nas diferentes situações. O autor, portanto, busca explicar a forma como os seres humanos constantemente atribuem e modificam os significados de sua realidade, assim como teoriza sobre um processo que parece constituir um mecanismo de fronteira que funciona no diálogo ou no encontro entre diferentes sistemas ou linguagens, percebidos por Iuri Lotman no interior e entre “semiosferas” (LOTMAN, 1996, p. 15).

Em suma, Paes Loureiro afirma que “a conversão semiótica significa o quiasmo de mudança de qualidade do signo” (LOUREIRO, 2007, p. 35) e “pode ser observada, por exemplo, na criação artística, no trajeto antropológico, nos processos de tradução, nas transferências de campo cultural ou passagem a outro contexto” (LOUREIRO, 2007, p. 36). Conforme esse pensamento, o processo receptivo das obras de arte pode ser considerado estruturalmente semelhante à recepção de objetos religiosos ou aos demais objetos culturais, entretanto a experiência é variada especialmente mediante uma lógica interna que se exprime pela regência de uma função dominante em cada situação cultural.

Paes Loureiro percebe que a recepção dos objetos “sob uma outra configuração simbólica, culturalmente legitimada, converte o objeto no outro de si mesmo” (LOUREIRO, 2007, p. 21). Tal processo de transfiguração certamente se faz evidente nas experiências religiosas e, de maneira geral, nas demais experiências culturais. Em relação à religião, o paraense exemplifica esse fenômeno a partir da consagração litúrgica da santa ceia, quando “o pão se transforma em corpo de Cristo e o vinho, em sangue” (LOUREIRO, 2007, p. 49). Sobre isso, afirma que “não se trata de uma transformação visível, mas de uma relação transformadora de caráter cultural, legitimada espiritualmente pela fé” (LOUREIRO, 2007, p. 49).

Por um lado, quando o historiador das religiões Mircea Eliade (2010) teorizou sobre o fenômeno religioso, ele percebeu que a manifestação do sagrado poderia acontecer apenas no universo mental do *homo religiosus*, ainda que qualquer objeto pudesse se tornar uma hierofania, assim como constatou que a passagem de um caráter profano para sagrado implicava na mudança do valor ontológico do objeto, isto é, quando passa a ser percebido de forma diferente pelos receptores, sobretudo como uma espécie de experiência extraordinária. Por outro lado, Paes Loureiro demonstra que isso se trata de um processo comum a indivíduos que vivem sob o “rio da linguagem” (LOUREIRO, 2007, p. 46), cujo caráter poético é intrínseco.

O raciocínio é simples: no caso das hierofanias, pode-se dizer que elas representam uma forma de conversão semiótica, cuja função dominante se torna a religiosa, ou mágico-religiosa conforme a nomenclatura de Mukarovsky.

Iuri Lotman, no livro “La Estructura del Texto Artístico”, atribui à arte e à religião um mesmo nível de estruturação, como linguagens secundárias modelizantes e, de forma semelhante, é possível intuir que Paes Loureiro destaca que as mesmas capacidades estruturais, ainda que não o mesmo sentido funcional, atribuídas à arte podem também ser estendidas à religião. Com isso teríamos ambos os sistemas linguísticos como expressão simbólica de uma cultura; como ultrapassagem da experiência puramente material; como “palco onde se deflagra a vida do sentimento e da emoção” (LOUREIRO, 2007, p. 46). Além disso, a religião, como a arte, expressa formas significantes que pelo processo receptivo e poético são percebidas como formas transfiguradas, de modo que também assumem a dimensão estética, com caráter autorreflexivo e autoexpressivo. Isso significa que, mesmo quando no caso de um mito a dominante for a função mágico-religiosa, a função estética também pode continuar a exercer um papel, ainda que sob aquele domínio. Sobre isso, Paes Loureiro enfatiza que “como nada que está só está somente só, essas funções se complementam e se alternam hierarquicamente, acionadas por um movimento dialético de relações nos campos culturais” (LOUREIRO, 2007, p. 47).

Se é fato que o receptor de uma arte a percebe como algo que ultrapassa a realidade objetiva, ainda que esta não seja completamente abolida, uma espécie de conversão semiótica do objeto real para o co-real (fato que caracterizaria o objeto estético da obra de arte), então, certamente, poder-se-ia deduzir que uma hierofania é, também, vista de forma qualitativamente diferente, tal qual um objeto co-real, e que o objeto estético se assemelha estruturalmente com o objeto religioso. Por exemplo, Eliade entende que qualquer objeto, como uma pedra ou uma árvore, pode se tornar uma manifestação da experiência do sagrado, mas afirma que

não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada e a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*. Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. (ELIADE, 2010, p. 13)

Conforme Paes Loureiro, “mesmo que a obra de arte nunca se ofereça por completo à compreensão sensível, ela sempre se revela na integridade da conversão semiótica que lhe deu

existência” (LOUREIRO, 2007, p. 25), tal qual o numinoso na ótica de Rudolf Otto (2007), que teria a capacidade de se manifestar e ser percebido, mas que mantém sua dimensão de *mysterium* que “de um modo geral, significa inicialmente apenas enigma no sentido de estranho, não-compreendido, inexplicado” (OTTO, 2007, p. 58). Na arte, então, um objeto material servirá de suporte sensível para o objeto estético, assim como na religião servirá para o objeto religioso, cujo significados estão contidos na cultura, no sentido de uma sociabilidade estética e/ou religiosa. Ambos os textos culturais se encontram como forma de consenso nas coletividades e, por isso, não se reduzem à intenção do criador, às interpretações dos receptores ou à “obra-coisa”, fato que justifica a criação de um conceito como a conversão semiótica para lidar com essa heterogeneidade de atribuições.

Segundo esse autor, todo objeto cultural que se expressa para os seres humanos, no processo comunicativo da cultura, possui as mesmas configurações estruturais que o “objeto estético”, conforme a conceituação de Mukarovsky. Significa dizer que possuem forma e conteúdo “cuja significação decorre da tensão permanente entre elas e da obra integrada com a cultura na qual ela se insere e sobre a qual repercutem” (LOUREIRO, 2000, p. 79). Por essa razão, a obra de arte, assim como todo texto cultural, seria constituída por: símbolo exterior, objeto estético e relação estabelecida dos sujeitos com a obra a partir de determinadas circunstâncias, relação essa que se refere ao âmbito geral dos fenômenos sociais do meio ambiente concreto.

A estética, então, em um sentido *lato*, trata-se de um dado que se manifesta, pela própria capacidade simbólica do ser humano, em todos os objetos, mas no processo de recepção de uma obra artística, em seu sentido *stricto*, se torna a função dominante e rehierarquiza as outras funções. Nesse último caso, conforme a ótica de Gérard Genette (1997), trata-se propriamente de uma “função estética intencional”. Ainda assim, mesmo que exercendo o cargo de função dominante no caso das obras de artes, a estética é apenas um dos elementos da “plurivalente relação da coletividade humana com o mundo” (LOUREIRO, 2000, p. 79), de modo que não poderia haver fenômeno unicamente estético ou radicalmente não-estético. Há uma complementariedade hierárquica entre diversas funções na constituição dos significados dos objetos: “a inexistência de limites rígidos entre o estético e o não-estético permite grande mobilidade na imprecisa linha divisória entre os dois campos” (LOUREIRO, 2000, p. 82). Por isso que Genette entende que

it is not always easy or pertinent to separate the aesthetic from the practical function: the first often results from successfully fulfilling the second. Literature is doubtless an extreme case, not, to be sure, of the absence of a practical function, but rather of

the ability to carry it out equally well in both its modes of manifestation.¹ (GENETTE, 1997, p. 25)

Mediante isso, Paes Loureiro propõe algumas considerações: o estético não é uma característica real das coisas; a função estética não está sob domínio completo do indivíduo; qualquer coisa pode adquirir ou deixar de tê-la, assim como, na visão de Eliade (1957), uma hierofania pode se manifestar em qualquer objeto; e, por fim, a extensão da função estética depende da relação que ela tem com cada cultura.

O autor paraense infere que dentre as diversificadas “linguagens da cultura” (DE SOUZA NOGUEIRA, 2016, p. 244), a religião e a arte compartilham entre si, não só as estruturas objetivas (forma e conteúdo), mas as funções religiosa e estética em um diálogo permanente: temos danças, pinturas, rituais, poemas, entre outras coisas, tanto na arte quanto na religião, por exemplo. Seria, então, o caso de não poder haver religião sem função estética e arte sem função mágico-religiosa? De fato, os textos pelos quais os seres humanos atribuem como religiosos ou artísticos são sempre experienciados como signos linguísticos transfigurados, como formas heterogêneas no “caos da homogeneidade” (ELIADE, 1957, p. 17) e como “consenso, na tessitura da teia de uma cultura” (LOUREIRO, 2007, p. 33) e, portanto, tratam-se de elementos funcionais muito próximos que muitas vezes se confundem, mas que variam em grau e substância no momento receptivo dos objetos culturais.

Não se pode perder de vista, entretanto, que a atribuição dessas funções da linguagem depende, na lógica do autor, do processo receptivo e, dessa maneira, da circunstância cultural do receptor e do objeto. Ou seja, é temerário achar que a identificação de um texto com função mágico-religiosa dominante, por exemplo, não se insira nos processos diacrônicos e sincrônicos do sistema cultural do qual se parte e que o dado religioso possa ser univocamente identificado. Tal problematização pode ser resumida nas seguintes palavras: a identificação de elementos religiosos em uma obra artística, e inclusive daquilo que é propriamente arte ou religião, depende não apenas da linguagem utilizada como decodificadora, mas também, pode-se pensar a partir de Lotman (1996), da “semiosfera” ao qual se encontra o receptor. Assim, sempre se parte de uma certa convencionalidade ou imaginário social cujos sistemas linguísticos internos possuem uma lógica própria de organização hierárquica. Portanto, a abrangência de

¹ Não é sempre fácil ou pertinente separar a função estética da função prática: a primeira resulta, frequentemente, da efetividade da segunda. A literatura é, indubitavelmente, um caso extremo, não da ausência de função prática, mas da capacidade de exercê-la (ao lado da estética) igualmente em ambas as suas formas de manifestação. (tradução e grifo do autor)

determinada função da linguagem ou esfera cultural é condiciona indubitavelmente por essa circunstância.

4 A CONVERSÃO SEMIÓTICA DA RELIGIÃO NOS TEXTOS LITERÁRIOS

Diante do exposto, exprimem-se algumas possibilidades de investigação da presença da religião nas obras literárias por meio, sobretudo, da análise dos processos de conversão semiótica desses/nesses textos. Assim, uma possível questão emerge: o que significa analisar os processos de conversão semiótica de um texto literário que, em tese, possui função estética dominante? E como a religião pode ser percebida mediante essa relação de indubitável subordinação? Em relação a uma aplicabilidade para a literatura, é possível pensar em uma análise dos textos de acordo as modulações dessas funções e, de forma mais precisa, pela capacidade estrutural e de “modelagem linguística” (LOTMAN, 1978) da religião nessa relação de sujeição à função estética.

Douglas Rodrigues da Conceição sintetiza, tempestivamente, uma possível articulação dessa ferramenta teórica aos estudos da religião: “a conversão semiótica, portanto, ao reordenar a função dominante de um determinado sistema, obriga ao sistema convocado (a religião) a participar da função dominante do sistema modelizante receptor (a literatura)” (CONCEIÇÃO, 2023, p. 3) e “por mais diversas que sejam as apropriações da religião no trabalho de produção de um determinado objeto artístico – sendo ele destinado a função estética –, ela estará consignada à referida função” (CONCEIÇÃO, 2023, p. 4). Em outra ocasião, o cientista da religião afirma, ainda, que essa ferramenta auxilia a “pensar a religião como um elemento ocasional da linguagem literária (e não propriamente um conteúdo) que, dentro do respectivo regime verbal, concorre para o cumprimento da função dominante da linguagem à qual está implicada” (CONCEIÇÃO, 2021, p. 165).

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que na ótica de Paes Loureiro quando a função estética se faz dominante, seja no imaginário, como predisposição cognitiva, ou no plano comunicativo receptivo-emissivo dos textos, nas obras de arte, o ato contemplativo do objeto (estético) toma lugar principal ou ao menos apriorístico na experiência humana. Assemelha-se ao que Susan Sontag compreendeu sobre uma autêntica experiência artística:

Toda grande arte leva à contemplação, a uma contemplação dinâmica. Por mais que o leitor, ouvinte ou espectador se excite com uma identificação provisória entre o que há na obra de arte e a vida real, sua reação última — desde que esteja reagindo à obra

como obra de arte — será distanciada, serena, contemplativa, emocionalmente livre, para além da indignação e da aprovação. (SONTAG, 2020, p. 46)

Por isso que o ato contemplativo perante uma obra de arte, ou outros textos culturais semelhantes, tende a ser frequentemente o ponto vélico do ato receptivo, momento quando a função dominante é a estética. É evidente que, na ótica de Paes Loureiro, isso não implica em um esgotamento desse tipo de experiência, visto que esta, assim como as outras funções, sujeita-se inescapavelmente à transfiguração de seu significado, nas dinâmicas culturais, por meio de um reordenamento semiótico. Paes Loureiro exemplifica essa ideia propondo uma diferenciação para o que parece constituir um mito religioso e um mito artístico (ao menos, assim pode-se pensar, no interior da cultura amazônica): “no caso do mito, a sua conversão semiótica em poesia acontece quando a dominante deixa de ser mágico-religiosa para tornar-se dominante estética; quando o mito deixa de constituir o funcionamento de códigos sociais e passa a ser linguagem significante”². Por isso, entende que é na obra de arte que encontramos o mais elevado grau de esteticidade, cujo objeto se encontra em uma situação cultural que instiga do receptor prioritariamente uma atitude contemplativa cuja significação é legitimada pela cultura e, segundo Paes Loureiro, encontrada no interior da mesma obra, como uma espécie de propriedade imanente da estética.

A partir dessa ideia supracitada, pode-se dizer que, no âmbito da literatura, uma abordagem em Paes Loureiro parece implicar, em suma, em uma priorização dos elementos religiosos da obra sobre uma ótica da função estética dominante. Isso não significa que não seja possível – pela inescapável impossibilidade de haver qualquer tipo de determinação última do processo de atribuição de significado – perceber a obra artística como um valor ou discursividade religiosa; como uma função de crítica; ou como registro documental, entre outras possibilidades de significação. Tal fato decorrerá, a partir do processo receptivo, da reorganização hierárquica das funções, a partir daquela que opera como dominante nessas diferentes situações culturais e experiências individuais.

De imediato, duas possibilidades de articulação da referida ferramenta conceitual fulguram. Primeiramente, parece ser viável esforços que verifiquem em que medida os textos literários, nas suas inteirezas, podem ser convertidos semioticamente a partir de suas recepções em diferentes situações culturais e receptores, fato que parece ser profícuo às análises da transitoriedade de textos literários no interior de diversos ambientes culturais. Essa análise

² LOUREIRO, A conversão semiótica na arte e na cultura, p. 47.

possibilitaria, portanto, uma compreensão da forma como os elementos circunstanciais de espacialidade e temporalidade, inerentes aos processos receptivos, influenciam na produção de significados e no acionamento do processo de significação, assim como uma investigação da forma como esses textos se multiplicam e se transformam mediante sua mobilidade intra e intercultural.

Em segundo lugar, e talvez de forma mais tempestiva, há a possibilidade de se analisar a forma de manifestação dos signos, dos enunciados e de suas interrelações, isto é, uma análise das conversões semióticas no interior dos textos literários. Ora, se para Paes Loureiro, na arte sempre há a precedência de signos práticos, teóricos, religiosos, entre outros, que são convertidos semioticamente em signos estéticos, então, em uma análise da convocação da religião em uma literatura, abordar-se-á sobre os dados internos (pra distinguir do que seria uma análise da “obra-coisa” em si) que são transpassados e transfigurados do que, consensualmente, se adjudica como pertencente à esfera da religião para um funcionamento subordinado à esfera artística e, portanto, em uma dominante estética.

Esse processo foi percebido na análise do “Cântico XVII”, do livro “Porantim” de Paes Loureiro, realizada pelo cientista da religião Douglas Rodrigues da Conceição (2020). O cientista da religião vislumbra nesse poema, entre outras coisas, um tipo de operação que o torna uma espécie de variante do mito amazônico do Tambatajá, caracterizando, sob a ótica de Paes Loureiro, uma conversão semiótica do mito à poesia. Por meio desse conceito, percebe que o amor incondicional expresso no mito amazônico contribui para a intensificação da ideia de suspensão do interdito bíblico, representado pela convocação do mito de Tamar e Amon na estrutura do poema, isto é, uma espécie de “poetização do mito por meio do poema”. Afirma, ainda, que:

A tentativa de decifração de um mito de referência—aqui visitado a partir de duas de suas mais conhecidas variantes [a do amor entre irmãos e a do amor incondicional]—sob a evidência de sua circularidade em diversas culturas – não pode somente encontrar na existência de uma isomorfia entre os documentos culturais disponíveis a única chave interpretativa. A aproximação de *Tambatajá* ao Cântico XVII se deve antes à transparente polimorfia que se revela no conteúdo de cada um desses documentos poéticos da cultura amazônica. (CONCEIÇÃO, 2020, p. 14)

Sobre isso, Paes Loureiro afirma que “no caso do mito, a sua conversão semiótica em poesia acontece quando a dominante deixa de ser mágico-religiosa para tornar-se dominante estética; quando o mito deixa de constituir o funcionamento de códigos sociais e passa a ser linguagem significante” (LOUREIRO, 2007, p. 47). Por meio desse conceito, Conceição

entende que, na poesia de Paes Loureiro, o princípio de amor incondicional expresso no mito amazônico sobrepõe o interdito implicado pelo texto bíblico, isto é, não só a função dominante dos mitos se torna a estética/artística e não mais a religiosa, mas ele percebe que os mitos também se transfiguram em um novo “modo de existência” no interior do poema.

É, também, a análise desses “modos de existência” das expressões linguísticas da religião e do diálogo entre suas estruturas, que considero ser o ponto fulcral de uma compreensão a partir das teorizações do autor paraense. A dinâmica dialógica das funções da linguagem demonstra, entre outras coisas, o motivo da existência dos incomensuráveis significados possíveis e alto grau de “semioticidade” implicados nas expressões e textos literários e, portanto, da impossibilidade de se identificar um significado unívoco para o conteúdo de uma literatura. Penso, ainda, que a conversão semiótica pode iluminar uma investigação do processo de utilização da religião como matéria-prima da literatura de uma forma abrangente devido ao fato de explicar o que ocorre a partir do encontro entre essas diferentes linguagens e a consequente transformação dos textos da cultura. Nessa ótica, as formas de convocação desses variados elementos religiosos em uma literatura se inserem indubitavelmente em processos de conversão semiótica.

5 CONSIDERAÇÕES

Em suma, pode-se afirmar que neste artigo foram propostos como principais objetivos: uma apresentação das reflexões teóricas de João de Jesus Paes Loureiro e algumas possíveis articulações destas para os estudos de religião e literatura. Frisa-se, no entanto, que o presente trabalho não teve pretensão de abranger toda a esteira teórica desse autor, à medida que ela é constituída através de obras densas e variadas. De fato, tratou-se de introduzir alguns aspectos basilares de suas teorizações, com ênfase no conceito de conversão semiótica que parece constituir o aspecto nuclear de sua teoria linguística, com o intuito de instigar sua articulação em etapas teórico-metodológicas de pesquisas que se depreendem sobre arte, cultura e, especialmente, religião e literatura.

Reitero que o principal eixo desse corpo teórico é o conceito de conversão semiótica, o qual tem ampla possibilidade de articulação na literatura, sobretudo a partir dos elementos internos que são convocados como matéria-prima, como é o caso da religião. Tal imagem conceitual ilumina a organização da dinâmica de criação e, sobretudo, de recepção dos textos literários no processo comunicativo da cultura, pois abrange as diversificadas formas de

convocação de elementos provenientes de sistemas linguísticos distintos e suas consequentes transfigurações. Na literatura, a religião configura – como um elemento estrutural do texto, isto é, como uma função da linguagem – uma forma de concorrência para o efeito estético da obra, assim como contribui para a instauração dos aspectos singulares de cada produção, na medida em que esses elementos se projetam e são percebidos nos textos.

De forma pragmática, pode-se, por exemplo, verificar como determinado elemento convocado, identificado como proveniente de um sistema religioso e com uma função mágico-religiosa dominante, pode se ligar a função estética da obra que a招ocou; assim como é igualmente profícuo problematizar como estruturas que são muitas vezes associadas às linguagens da religião, como é o caso do mito, funcionam a partir de sua conversão semiótica para um sistema artístico-literário. Por fim, faz-se evidente que as obras teóricas de Paes Loureiro expressam ampla possibilidade de articulação em diversas áreas dos estudos culturais e, como foi demonstrado, deslindam, entre outras coisas, as tensões existentes entre as experiências da religião e da arte.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. **Literatura e religião em discussão**: revisitando interpretações, métodos e teorias. Cadernos da FaEL, v. 3, p. 1-23, 2010.
- _____. **Religião e Literatura**: participação estética e “conversão semiótica” (míimeo). Universidade do Estado do Pará, 2023, 10p.
- _____. **A presença da “religião” na literatura**: uma questão de participação estética?. Estudos de Religião, v. 35, n. 2, p. 161-180, 2021.
- _____. **Uma cena religiosa na paisagem amazônica**: a narrativa de Tamar e Amon na Poesia de João de Jesus Paes Loureiro. **Organon**, v. 35, n. 70, p. 1-16, 2020.
- COSTA, Hirlan Hermes Monteiro da. **A Aurora da Cultura Amazônica**: aportes para uma teoria poética da religião em Paes Loureiro. Belém, 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade do Estado do Pará.
- DE SOUZA NOGUEIRA, Paulo Augusto. **Religião e linguagem**: proposta de articulação de um campo complexo. HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, p. 240-261, 2016.

- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- ELIADE, Mircea. **História das crenças e ideias religiosas.** Rio de Janeiro: Zahar. t.1. v.1. 1985.
- _____. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões, v. 3, 1957.
- _____. **Tratado de História das Religiões,** 4^a edição. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2010.
- GENETTE, Gérard. **The work of art.** Cornell University Press, 1997.
- JAKOBSON, Roman. **O Dominante.** Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 3, n. 2, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.
- LOTMAN, Iurii Mikhailovich. **La estructura del texto artístico.** Madrid: Itsmo, 1978.
- _____. **La semiosfera I:** Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Universitat de València, 1996.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão semiótica na arte e na cultura.** Editora Universitária UFPA, 2007.
- _____. **Cultura Amazônica Hoje:** Uma Poética Do Imaginário Revisitada (rapsódia Teórica). Belém: SECULT/PA; 2019.
- _____. **Encantaria da linguagem.** Revista Cronos, v. 3, n. 1, p. 147-150, 2002.
- _____. **Obras reunidas** (4.vol.). São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte.** Lisboa: Estampa, 1988.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado:** os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2007.
- RICŒUR, Paul. **Teoria da Interpretação:** o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand De. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- SONTAG, Susan. **Contra a interpretação:** e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Incentivamos os autores a tornarem seus dados de pesquisa disponíveis de forma aberta. Isso promove a transparência, permite a reutilização dos dados por outros pesquisadores e fortalece a base de evidências científicas.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da Crossref.



PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



HISTÓRICO

Submetido: 27 de agosto de 2025.

Aprovado: 18 de dezembro de 2025.

Publicado: 23 de dezembro de 2025.